



# Educação empreendedora: um estudo de caso no nordeste do Brasil

## Entrepreneurial education: a case study in the northeast of Brazil

Recebido em 09.08.2015. Aprovado em 30.08.2016  
Avaliado pelo sistema *double blind review*

**Amanda Marilyne Figueiredo dos Santos**

[amanda\\_marilyne@hotmail.com](mailto:amanda_marilyne@hotmail.com)

Instituto Federal de Pernambuco – Pernambuco - PE

**Brenda Maria Lima da Silva**

[brendaestudante96@hotmail.com](mailto:brendaestudante96@hotmail.com)

Instituto Federal de Pernambuco – Pernambuco - PE

**Alba de Oliveira Barbosa Lopes**

[alba.barbosa@paulista.ifpe.edu.br](mailto:alba.barbosa@paulista.ifpe.edu.br)

Instituto Federal de Pernambuco – Pernambuco - PE

67

### Resumo

A Lei no. 11.892, de 29.12.2008, de criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia reconhece a importância da educação do empreendedorismo no ensino profissional. Este artigo teve como objetivo verificar de que forma um *campus* de um Instituto Federal no Nordeste contribui para o estímulo ao empreendedorismo, em atendimento à legislação. Para tanto, foi utilizada como marco teórico a educação empreendedora, focando na conceituação, importância, ações previstas e limitações. Esta pesquisa segue orientações internacionais que destacam ações empreendedoras como forma de desenvolvimento de regiões e ressalta o papel das instituições de ensino na geração de uma cultura de empreendedorismo dentro da sociedade. O procedimento metodológico está fundamentado numa abordagem qualitativa dos dados primários coletados através de formulários com os alunos matriculados na disciplina empreendedorismo, nos cursos técnicos, e de entrevistas com os docentes da área de administração. Foram utilizadas a estatística descritiva e a análise de conteúdo. Verificou-se que existe uma oportunidade latente de melhoria do estímulo ao empreendedorismo. Existem ações desconexas e focadas na transmissão de conteúdos voltados à área em disciplinas específicas. A interdisciplinaridade não é traduzida em práticas conjuntas de inovação e autonomia. Reforça-se a necessidade de intensificar as ações, conjuntas, de estímulo ao empreendedorismo e de repensar o papel do professor voltado ao desenvolvimento da capacidade de autoaprendizagem dos alunos.

**Palavras-chaves:** Educação empreendedora. Empreendedorismo. Ensino técnico.

### Abstract

The law of creation of the Federal Institutes of Education, Science and Technology (no. 11.892 of December 29, 2008) recognizes the importance of entrepreneurship education in professional education. This article aimed to verify how a campus of a Federal Institute in the Northeast contributes to the achievement of the stimulus to entrepreneurship, in compliance with the legislation. For that, the entrepreneurial education was used as a theoretical framework, focusing on the conceptualization, importance, foreseen actions and limitations. This research follows international guidelines that highlight entrepreneurial actions as a way of developing regions and emphasizes the role of educational institutions in the generation of a culture of entrepreneurship within society. The methodological procedure was based on a qualitative approach of the primary data collected through forms with the students enrolled in the discipline of entrepreneurship, in the

technical courses, and of interviews with the teachers of the administration area. Descriptive statistics and content analysis were used. It has been found that there is a latent opportunity to improve the incentive to entrepreneurship. There are disconnected and focused actions in the transmission of content directed to the area in specific disciplines. Interdisciplinary is not translated into joint practices of innovation and autonomy. It reinforces the necessity to intensify joint actions to stimulate entrepreneurship and to rethink the role of the teacher aimed at developing students' self-learning capacity.

**Keywords:** Entrepreneurial education. Entrepreneurship. Technical education.

## Introdução

As discussões sobre o desenvolvimento de ações estatais que incentivem o empreendedorismo fazem parte de uma agenda de pesquisas disseminada em âmbito global pela Organização das Nações Unidas. É importante encontrar mecanismos que estimulem o empreendedorismo considerado como um dos mais importantes fatores de criação de emprego e crescimento econômico.

O estímulo ao empreendedorismo foi inserido na agenda política governamental em decorrência dos impactos que este pode proporcionar ao crescimento econômico e ao desenvolvimento de regiões por meio das receitas produzidas, empregos gerados e das inovações realizadas na localidade. O empreendedorismo é entendido neste artigo como uma atividade que envolve a “descoberta, avaliação e exploração de oportunidades, a fim de introduzir novos produtos e serviços, novas estruturas organizacionais, novos mercados, processos e materiais de uma forma que, possivelmente, não existiam antes”. (PESQUEUX, 2011, p. 2).

Essa investigação é importante ao se tomar por base a constatação da ONU (2013, p. 13) que afirma, em relação ao Brasil, que a “educação ao empreendedorismo é insuficiente, apesar dos esforços notáveis depreendidos nos sistemas educacionais formais e informais”. O artigo pretende minimizar esta lacuna ao gerar informações para a melhoria do ensino do empreendedorismo na instituição analisada.

A compreensão das formas como o empreendedorismo ocorre e como ele pode ser estimulado entre os indivíduos pode aumentar a eficiência e a eficácia das ações desenvolvidas, otimizando as oportunidades e contribuindo para a superação de desafios, exclusivos ou não à geração de negócios. As políticas e programas educacionais voltados ao empreendedorismo podem ser úteis para desenvolvimento regional, mas para isso, elas devem estimular o incremento de competências e qualificações que são benéficos em vários contextos profissionais. Conforme a ONU (2013), o objetivo não é somente reforçar a capacidade e o desejo de criar sua própria empresa, mas também de gerar uma cultura de empreendedorismo dentro da sociedade.

A educação empreendedora, entendida por Lopes (2010) como um processo dinâmico de conscientização, reflexão, associação e aplicação, envolvendo a transformação de experiências e o conhecimento em resultados, aprendidos e funcionais, passa a ser ainda mais importante na sociedade em virtude das inúmeras transformações do mundo do trabalho, caracterizado especialmente pela precarização das relações trabalhistas e pelo intenso avanço tecnológico que impõe ao trabalhador novas formas de interação com as organizações.

Reconhecendo a importância da educação para o empreendedorismo no ensino profissional, o governo federal ao constituir os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia por meio da Lei no. 11.892, de 29.12.2008, afirma no art. 6, inciso VII que estas instituições têm por finalidade a realização e estímulo “a pesquisa aplicada, a produção cultural, o **empreendedorismo**, o cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico” (BRASIL, 2008).

Diante da importância do ensino do empreendedorismo para o desenvolvimento regional, foi proposta a seguinte pergunta de pesquisa: **De que forma um campus de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Nordeste contribui para a realização e o estímulo do empreendedorismo nos cursos**

**técnicos, em atendimento ao exposto na Lei no. 11.892, de 29.12.2008?** No referido Instituto existem dezesseis *campi* e, tratando-se de uma pesquisa exploratória, iniciou-se por um estudo piloto em um *campus* com tradição no ensino técnico.

### Educação empreendedora

A partir dos anos de 1980 houve uma expansão da educação voltada ao empreendedorismo. Para Drucker (2008), o empreendedorismo pode ser ensinado e aprendido como disciplina que conduz o empreendedor a desenvolver suas habilidades e potencial de inovação. Conforme o autor, o desenvolvimento de metodologias de trabalho sistemáticas que pode consolidar a atuação do empreendedor nas regiões.

Ainda segundo o autor, existe a necessidade de se educar os trabalhadores para a inovação e, na sociedade empreendedora, os indivíduos precisam estar sempre aprendendo. Para ele, há uma atitude comportamental que o indivíduo pode adquirir a partir da persistência, dedicação e educação.

No Brasil, o ensino do empreendedorismo formalmente começou em 1981 na Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo. Em seguida, a Universidade de São Paulo e Universidade Federal do Rio Grande do Sul colocaram o tema em sua matriz curricular. Em 1992, a Universidade Federal de Pernambuco criou o Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife com o objetivo de estimular o empreendedorismo no Departamento de Informática.

Conforme apresentado, o tema empreendedorismo tornou-se mais relevante nos últimos anos pela sua influência no ambiente competitivo das organizações. Conforme Araújo *et al* (2005), durante os últimos anos, um número cada vez maior de acadêmicos e estudantes têm-se envolvido com o processo para iniciar um empreendimento, escrevendo planos de negócio, levantando financiamentos, selecionando pessoal, dentre outras ações. Para os autores, destaca-se no país, como resultado da educação empreendedora, a criação de centros de empreendedorismo, incubadoras, parques tecnológicos, [...], proteção da propriedade intelectual e transferência de tecnologia para o setor privado.

Barbieri (1995) apresenta os polos, parques e incubadoras de base tecnológicas como instrumentos importantes na dinamização de economias e do desenvolvimento local. Conforme o autor, um polo seria uma região com fatores peculiares capazes de criar e atrair empresas de base tecnológica. Nestes polos, podem existir parques, incubadoras ou apenas empresas instaladas na sua área de influência. Parque tecnológico é uma área planejada para atrair empresas de alta tecnologia contando com recursos compartilhados.

As incubadoras constituem instâncias privilegiadas da interação entre Instituição de Ensino e Pesquisa e o setor produtivo. Estas são instrumentos importantes na educação do empreendedorismo ao estimular à criação e o desenvolvimento de empreendimentos dentro das instituições. De acordo com Atrasas *et al.* (2003, p. 15), incubadoras são:

Organizações públicas e privadas que abrigam empresas nascentes, destinadas à produção de bens e serviços, com utilização de tecnologia avançada, nas quais as referidas empresas desfrutam de instalações físicas, ambiente instrucional e de suporte técnico-gerencial, no início e durante as etapas de seu desenvolvimento.

Destaca-se, também, outro instrumento de estímulo ao empreendedorismo: a Empresa Júnior, a qual influencia o comportamento empreendedor dos alunos das instituições de ensino. Ela, conforme a Confederação Brasileira de Empresas Juniores (2012), é constituída pela união de alunos matriculados em cursos em instituições de ensino superior, organizados em uma associação civil com o objetivo de realizar projetos e serviços que auxiliem na formação e capacitação dos estudantes.

Para Laviere (2012), esses ambientes se constituem como fontes ricas de informações. Entretanto, ainda são pouco explorados pelos professores que perdem a oportunidade de utilizá-los como recursos didáticos. Além disso, mesmo com a disseminação da prática empreendedora nos últimos anos, o estudante não necessariamente reconhece a carreira de empreendedor por razões como deficiências no processo de

comunicação ou falta de convivência com empreendedores.

O empreendedorismo não está voltado apenas à geração de negócios. Internamente, nas organizações já formalmente estabelecidas, esse fenômeno denomina-se intraempreendedorismo. Conforme Willerding (2011), esse termo estabeleceu-se por meio de investigações relacionadas com o sucesso das organizações advindas de alguns colaboradores que inovaram, agregaram valor ao negócio. Lógico que esses funcionários possuem menor poder de interferir nos processos organizacionais do que os empreendedores que iniciam o negócio, contudo, eles podem ser considerados empreendedores pois inovam ou transformam um determinado negócio através de seu trabalho ao assumir a responsabilidade pela criação, tendo como objetivo novas oportunidades de mercado com resultado promissor à organização à qual pertencem

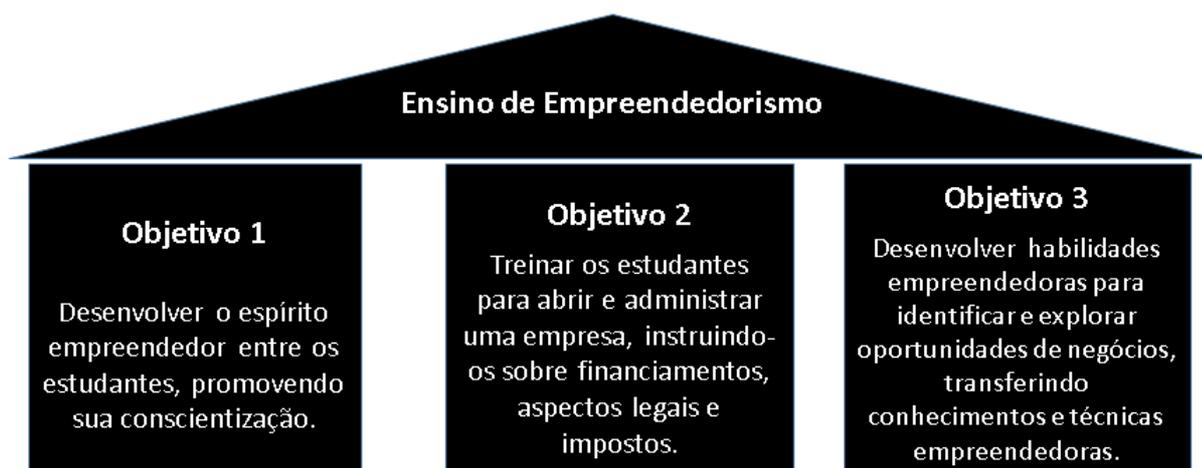
Apesar de não existir consenso sobre o que seria ensino nesta área, este artigo apresenta a noção de Tounés (2003, p. 4) que considera todo “ensino de sensibilização, de formação e de acompanhamento destinado a preparar e a desenvolver as percepções, as atitudes e as aptidões empreendedoras” como ensino de empreendedorismo. A educação voltada ao tema pode atuar despertando o interesse e na sensibilização dos envolvidos (sensibilização). Além disso, pode focar nos domínios de empreendedorismo e na criação de empresas e de desenvolver o espírito empreendedor (formação), inseridos mesmo em organizações formais. Como também, atuar de forma mais ativa por meio do acompanhamento, apoio e orientação de projetos discentes de criação ou reformulação de organizações (acompanhamento).

Em relação à sensibilização, ainda conforme Tounés (2003), os objetivos devem estar voltados às respostas de perguntas como: Por que e para quem empreender? Quais os benefícios e consequências? Quais são os fatores influentes? Quais são os riscos? Para o nível de formação, podem ser abordadas as questões de: Como as organizações funcionam? Quais são as operações a realizar? Quais são os métodos e as ferramentas úteis? E, enfim, o acompanhamento deve estar voltado para as respostas de: Como formalizar um projeto e como ter acesso aos diferentes recursos necessários e criar redes de contatos sustentáveis?

As instituições de ensino devem criar condições para o autodesenvolvimento e auto aprendizado do aluno. Conforme Guimarães (2002) *apud* Lopes (2010, p. 24-25), os objetivos da referida educação são:

Conscientizar a respeito do empreendedorismo e da carreira empreendedora, lançando sementes para o futuro; influenciar/desenvolver atitudes, habilidades e comportamentos empreendedores; desenvolver qualidades pessoais relacionadas às competências necessárias para o mundo moderno como criatividade, assumir riscos e responsabilidades; incentivar e desenvolver empreendedores; estimular a criação de negócios e apoiar o desenvolvimentos destes; gerar empregos; desenvolver conhecimentos, técnicas e habilidades focados no mundo dos negócios; auxiliar empreendedores e empresas a melhorar sua competitividade.

Rocha e Freitas (2014), ao analisar a proposta de educação empreendedora da *European Commission Enterprise and Industry Directorate-General* (Comissão Europeia), sintetiza e apresenta os pilares dos objetivos do Ensino do Empreendedorismo: 1. Desenvolver o espírito empreendedor entre os estudantes; 2. Treinar estudantes para a abrir uma empresa e administrá-la e 3. Desenvolver habilidades empreendedoras necessárias para identificar e explorar oportunidades de negócios, conforme pode ser visto na figura 1 a seguir:



**Figura 1:** Pilares dos objetivos do ensino empreendedor.

Fonte: Rocha e Freitas (2014, p. 468).

O estímulo do empreendedorismo durante a formação profissional apresenta-se como relevante no desenvolvimento de atitudes empreendedoras. É importante que o ensino não seja estático, focado na obrigatoriedade de ministrar conteúdos específicos, mas estar voltados na formação de atitudes inovadoras e no desenvolvimento de técnicas de planejamento e resolução de problemas. De acordo com Sela, Sela e Franzini (2006, p. 2), “os pressupostos da formação do empreendedor baseiam-se mais em fatores motivadores e habilidades comportamentais do que em um conteúdo puramente instrumental”.

Corroborando com a crítica acima sobre o foco no conteúdo, Lopes (2010) destaca que mais importante do que o conteúdo das disciplinas são as possibilidades de experiência ofertadas aos alunos voltadas ao próprio desenvolvimento. Estimular o pensamento inovador, criativo não é tarefa fácil nas instituições de ensino. É preciso muito mais do que tratar os conteúdos em disciplinas isoladas, é preciso criar uma cultura voltada à aprendizagem e a inovação com novas formas de pensar e de experimentar.

O papel do professor se intensifica neste contexto da educação empreendedora, contudo, ele deve se voltar para o desenvolvimento da capacidade de autoaprendizagem dos alunos. O ensino do empreendedorismo não é pela transferência de conhecimentos, mas sim, conforme ressaltam Sela, Sela e Franzini (2006) pela indução à prática, pela criação de condições de identificação e aproveitamento de oportunidades pelos próprios alunos. O professor, então, funciona como um mentor, um orientador das práticas discentes.

Em uma análise menos cuidadosa, poder-se-ia supor que o professor tem seu papel minimizado neste processo, contudo, destaca-se o contrário, pois cabe a ele ampliar as experiências, expectativas e referências teóricas dos alunos. Estes alunos devem ser estimulados a desenvolverem atividades que propiciem o empreendedorismo, conforme pode ser visto em Paiva Júnior, Almeida e Oliveira (2007, p. 5) a seguir:

No ensino do empreendedorismo, os alunos devem ser estimulados a desenvolverem atividades e reflexões que propiciem a construção de um comportamento empreendedor no sentido de desenvolverem um entendimento contínuo acerca de si, de sua relação com o outro e dos desdobramentos de suas ações na sociedade e no ambiente, como expressão dos seus projetos de vida.

Conforme pode ser visto, os papéis dos professores e alunos se reconstróem uma vez que não é esperada a postura tradicional em que os primeiros possuem o monopólio do conhecimento e aos segundos, cabem apenas assimilar passivamente o que o outro está disposto a transmitir.

Nesse contexto, a Educação Empreendedora é aquela que auxilia na compreensão da realidade,

estimulando a reflexão sobre como a mesma foi construída e remete para sua transformação por meio de ações empreendedoras planejadas e tecnicamente embasadas. Nela, o empreendedorismo passa a ser entendido não somente como uma disciplina e sim, sobretudo, como um padrão de comportamento que remete para um conjunto de práticas (ações) transformadoras, as quais, para que se efetivem, requerem o domínio de conceitos e técnicas específicas.

Este artigo partiu do pressuposto que o empreendedorismo pode ser ensinado. No entanto, recorre-se a Lopes (2010) para ressaltar a importância dessa pesquisa ao afirmar que a temática de educação empreendedora ainda carece de um debate mais sólido e profundo, apesar da evolução dos últimos anos. Muito mais do que discutir sobre se pode ou não ensinar o empreendedorismo, esta pesquisa buscou contribuir para o mapeamento do estímulo ao empreendedorismo nos cursos técnicos do *campus*, em análise, para subsidiar a discussão, posterior, de métodos e técnicas de ensino.

Nessa seção buscou-se apresentar as noções de empreendedorismo e da educação educadora. Buscou-se evidenciar a importância do empreendedorismo para o desenvolvimento das regiões e, por fim, o que caracteriza a educação voltada ao empreendedorismo. Na próxima seção, são apresentadas as questões metodológicas da pesquisa.

### **Metodologia**

Os procedimentos metodológicos foram orientados por uma abordagem qualitativa. Segundo Bauer, Gaskell e Allum (2002) a pesquisa qualitativa permite um maior envolvimento com o problema em estudo. Quanto aos objetivos, a pesquisa se enquadra em um estudo descritivo, ao procurar expor características de determinado fenômeno estudado, no caso, as ações desenvolvidas em um *campus* do Instituto Federal no Nordeste do país para estimular o empreendedorismo nos cursos de nível técnico da instituição.

Quanto aos meios, a pesquisa define-se como de campo, documental e bibliográfica, estimulando a interdependência entre métodos de coleta para obter respostas à pergunta de pesquisa formulada. Essa pesquisa utilizou como estratégia de investigação o método de estudo de caso que, de acordo com Yin (2001), busca examinar um fenômeno contemporâneo em um contexto de vida real. A vantagem dessa estratégia é a possibilidade de aprofundar os conhecimentos de uma realidade.

A delimitação para o nível técnico, entretanto, é bastante representativa para a pesquisa e representa a área onde a instituição em análise possui maior experiência de ensino. O referido *campus* possui nove cursos técnicos ofertados em até três modalidades: pós-médio, integrado e Proeja. Todos esses cursos possuíam em sua matriz curricular disciplinas de empreendedorismo. A restrição do universo de pesquisa apenas para os cursos técnicos decorre de limitações temporais para a conclusão da pesquisa. Logicamente, a partir das considerações obtidas por este primeiro contato com o campo empírico, pretende-se expandir a pesquisa para os cursos de nível superior, contudo, este será objeto de outra etapa da agenda de pesquisa.

Na identificação das ações, buscou-se avaliar a percepção dos alunos matriculados nas disciplinas de empreendedorismo e também a percepção dos docentes que ministraram a disciplina no período da coleta. Para identificar a percepção dos alunos quanto às ações desenvolvidas, foram aplicados formulários com perguntas abertas.

O instrumento de pesquisa constava cinco perguntas nas quais buscou-se saber o que o aluno entende por empreendedorismo, quais os contatos que ele teve com o tema, antes ou durante o curso na instituição e sua avaliação sobre os mesmos. Foi investigado também se o respondente considerava o empreendedorismo como opção de carreira, ou seja, se ele considerada montar seu próprio negócio em algum momento de sua vida. Optou-se também por deixar um espaço para que o aluno indicasse ações que pudessem ser desenvolvidas para estimular a disseminação de ações empreendedoras no *campus*.

Para a análise de dados, os questionários tiveram seus dados tabulados em planilha no Microsoft Excel no qual os dados foram expostos em forma de gráficos ou analisados em seu conteúdo, no caso de texto sobre as percepções dos alunos.

Existiam 17 turmas objetos de investigação. Adotou-se a taxa de evasão de 20% nas turmas. Sabe-se que

em algumas turmas esse percentual é bem maior, especialmente nos cursos subsequentes, porém como o *campus* não possuía atualizados sobre o assunto e não foi possível fazer a coleta após a finalização dos semestres.

Com a população estimada de 408 pessoas matriculadas, um erro amostral de 5% e um nível de confiança de 90%, a amostra foi de 163 pessoas. Foram obtidas 170 respostas nas turmas da manhã e tarde, contudo, cerca de 9 questionários foram rejeitados por estarem com respostas incompletas ou onde foram percebidas tentativas de burlar a pesquisa com respostas que não atendiam o solicitado.

Paralelamente à identificação da percepção das ações pelos alunos, buscou-se investigar as ações desenvolvidas na visão dos docentes de administração responsáveis pelas disciplinas de empreendedorismo. As entrevistas seguiram um roteiro de entrevista semiestruturada com as categorias analíticas definidas ao longo da pesquisa. São ao todo oito professores da área de administração que ministram a disciplina de empreendedorismo em todos os cursos analisados; destes oito, dois não puderam participar da pesquisa.

O roteiro de entrevista era composto por dez perguntas sobre o perfil e a experiência do docente na área, sobre percepções de mudanças no perfil do currículo do curso e na disciplina, como ele se prepara para trabalhar o empreendedorismo em sala de aula, percepções sobre a ementa e a disciplina, metodologias empregadas, interdisciplinaridade e limitações existentes. Para a análise dos dados obtidos por meio de entrevistas, optou-se por utilizar a análise de conteúdo, na qual, conforme Bardin (2011) busca-se entender a mensagem, o significado.

### Descrição e análise dos dados

Foram apresentadas duas seções distintas com a consideração dos dois públicos. Em seguida, uma contribuição à melhoria das práticas com base nos dados encontrados.

### Pesquisa com os discentes

Os dados relativos a esse público serão apresentados conforme a ordem das perguntas feitas no questionário. Quanto ao conceito de empreendedorismo (pergunta 1), pode-se perceber que existem diferentes significados para os respondentes, observados nas principais respostas listadas a seguir no tocante a duas dimensões: o empreendedorismo como oportunidade de transformar ideias em oportunidades e como sinônimo de gestão empresarial.

|   |  |
|---|--|
| <b>CRIAÇÃO DE UM NOVO NEGÓCIO/ INOVAR</b> | “O conjunto de estratégias que visa traduzir sonhos e ideias em empreendimentos e oportunidades” R25<br>“É o estudo voltado para o desenvolvimento de habilidades relacionadas à criação de negócios” R39<br>“É a capacidade que um indivíduo tem de criar um novo empreendimento, um novo negócio, uma nova empresa” R78<br>“Mostrar oportunidades no mercado, podendo abrir seu próprio negócio” R95<br>“É a arte de empreender, de perceber a possibilidade e transformar uma ideia em lucro” R101<br>“É inovar sempre em todos os momentos” R150<br>“Ato de desenvolver ou de aprimorar uma ideia da melhor forma possível” R163 |
| <b>SINÔNIMO DE GESTÃO</b>                 | “Administrar negócios a partir do conhecimento de áreas de atuação” R21<br>“Gerenciamento ou criação de uma empresa” R30   |

|  |   |
|--|---|
|  | <p>“O ato de empreender é quando alguém tem uma ideia para uma empresa e tem condições para administrá-la bem” R36</p> <p>“É o estudo de condições favoráveis a administrar negócios” R55</p> <p>“Saber organizar, administrar uma empresa de pequeno porte com novos métodos de trabalho” R70</p> <p>“É importante para o controle e desenvolvimento da empresa” R69</p> <p>“É a capacidade de ter ideias, não necessariamente novas e o transformá-las em realidade, administrando para isso tempo, riscos, dinheiro, pessoas e outros recursos, a fim de obter lucro” R88</p> <p>“É uma técnica de gerência, organização desenvolvimento entre a administração de uma empresa” R98</p> <p>“A área em que é responsável pela gestão de negócio” R127</p> <p>“É o estudo que consiste em abranger o conhecimento mediante a administração de empresa” R130</p> <p>“Saber organizar e administrar uma empresa ou negócio” R148</p> <p>“Empreendedorismo é a forma adequada em que as pessoas administram as coisas” R167</p> <p>“A administração de algo com o propósito de atingir metas” R170</p> |
|--|---|

**Quadro 1:** Principais percepções quanto ao empreendedorismo

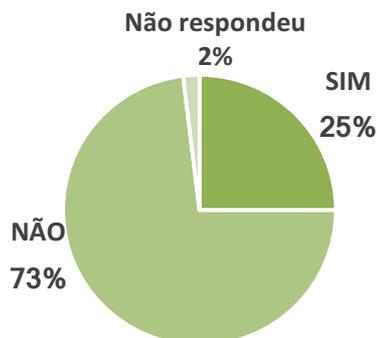
**Fonte:** Dados da pesquisa (2015)

O quadro com as principais respostas dos participantes da pesquisa, acima descrito, não corresponde à totalidade das interpretações, contudo, foram sintetizadas para permitir algumas reflexões, especialmente à associação do empreendedorismo com práticas de gestão. Dornelas (2014) estabelece diferenças significativas quando aos domínios entre o empreendedor e o administrador e percebe-se que não podem ser considerados como sinônimos.

Quanto à orientação estratégia, os empreendedores são dirigidos pela percepção de oportunidades, enquanto os administradores pelos recursos atuais sob controle com criação de medição de desempenho e de sistemas e ciclos de gestão. Quanto a análise de oportunidades, os empreendedores tendem a ser revolucionários no curto prazo, tendo como base de seu relacionamento as transações e acordos, ao passo que para os administradores, a revolução ocorre no longo prazo e a hierarquia é sua base de relacionamento. É estranho verificar tantas respostas associando o empreendedorismo com a administração e esse dado deve ser analisado com os docentes, em planejamentos conjunto da disciplina de empreendedorismo, para que não haja reforço desse pensamento entre os discentes.

Quando questionados se já tinham tido contato com o tema empreendedorismo antes de estudar na instituição (pergunta 2), obteve-se à seguinte composição, exposta na figura 2: 73% dos respondentes afirmaram que o contato com a temática apenas ocorreu no âmbito do Instituto. Para 25% dos entrevistados, esse contato se deu anteriormente e as duas respostas mais citadas foram: no ensino médio e por meio de contatos com empreendedores existentes na família.

### Contato prévio com o empreendedorismo



**Figura 2:** Contato prévio com o empreendedorismo

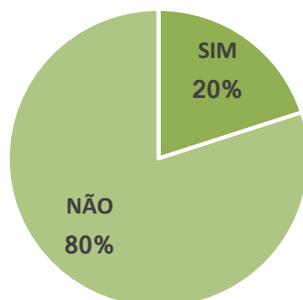
Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Quando questionados sobre a possibilidade do empreendedorismo como opção de carreira (pergunta 3), 58% dos alunos responderam que sim, contudo, não houve unanimidade quanto aos motivos dessa escolha. E mesmo aquelas respostas mais comuns (a de que gera riquezas e horários flexíveis) podem ser facilmente confrontadas com os Mitos do Empreendedorismo, citados em Dornelas (2012), para o qual é possível obter ganhos financeiros consideráveis com a atividade, contudo, enriquecer não é o objetivo principal do empreendedor, mesmo porque muitos nem chegam a ficar ricos, mas apenas realizam seus sonhos de transformar ideias em negócios. Em relação aos horários flexíveis e férias constantes, percebe-se que os alunos ainda desconhecem a rotina dos empreendedores com longas horas de trabalho em suas unidades organizacionais.

A pergunta sobre a participação dos alunos em eventos promovidos pelo *campus* (pergunta 4) traz uma preocupação pois foi constatada a ausência de eventos internos na área. Os alunos, predominantemente citaram a Feira do Empreendedor, promovida pelo SEBRAE como único evento da área do qual eles participaram com a presença do professor.

Quanto à discussão do empreendedorismo em outras disciplinas do curso (pergunta 5), observou-se que 80% dos respondentes afirmaram que a temática foi tratada exclusivamente na disciplina de empreendedorismo ou gestão de negócios. Isso é preocupante pois o assunto deveria ser tratado como conteúdo interdisciplinar e as outras disciplinas deveriam abordá-lo também em suas concepções.

### Empreendedorismo como conteúdo interdisciplinar



**Figura 3:** Empreendedorismo como conteúdo interdisciplinar

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

As análises das ementas dos cursos demonstraram que existe uma uniformidade dos conteúdos a serem ministrados e elas versam sobre: Noções sobre o Empreendedorismo, o Empreendedor, bem como, sobre Negócios e sua implantação/gestão, contemplando conceituações, importância, Habilidades e Competências do Empreendedor. Oportunidades de Negócios, Empresas e Recursos Empresariais. Plano de Negócios (Etapas, Recursos Envolvidos, Análises de Mercados, Estratégias, Documentação, Legalização, Tributação, dentre outros).

Da análise das matrizes e das ementas, observou-se que ao contrário do que se imaginava ao iniciar a coleta de dados, não se tem referências específicas ao estímulo do empreendedorismo nos projetos e relatórios dos cursos. A questão é tratada apenas em disciplinas com carga horária de 36 ou 54 horas. Não foram identificadas orientações de interdisciplinaridade da temática. A falta de orientações e propostas indicam, para as autoras da pesquisa, que a temática do empreendedorismo deve ser melhor estruturada uma vez que não é possível incentivar o empreendedorismo apenas por meio de uma disciplina. O empreendedorismo deve ser experimentado em várias disciplinas e no próprio curso.

A ementa prevê apenas noções da temática e não um aprofundamento dos conhecimentos e desenvolvimento de habilidades dos estudantes. O foco é no conteúdo a ser transmitido por professores da área de administração, contudo, independente da carga horária da disciplina, esse conteúdo deveria permear as outras disciplinas e que todo o corpo docente deveria voltar-se ao estímulo de atitudes voltadas à inovação e ao desenvolvimento de competências empreendedoras.

A carga horária de 36 ou 54 horas/aula não propicia o aprofundamento dos conteúdos previstos, nem mesmo, atividades distintas voltadas ao desenvolvimento de habilidades dos estudantes. Destas 18 semanas, pelo menos 3 semanas são destinadas ao processo avaliativo, o que diminui a quantidade efetiva de semanas destinadas à discussão do tema. Além disso, não estão previstas ações de avaliação durante o curso técnico para identificar o potencial de empreendedorismo entre os alunos.

### Pesquisa com os docentes

Quanto a caracterização dos respondentes, apresenta-se o seguinte: E1 (Homem, 16 anos de docência), E2 (Homem, 19 anos de docência), E3 (Mulher, 9 anos de docência), E4 (Homem, 16 anos de docência), E5 (Mulher, 13 anos de docência), E6 (Homem, 21 anos de docência). Todos são formados em Administração com Mestrado na área ou em áreas afins.

Os professores informaram analisar o perfil dos alunos e do curso para a condução da disciplina. Eles também, visando otimizar o processo de ensino-aprendizagem, informaram que escolhem estudos de caso voltados a área de formação do aluno para estimular o interesse dos mesmos. Conforme E1,

“Normalmente eu olho o perfil dos estudantes, eu procuro trazer estudos de caso para a área deles... Assim.... tem os bancos de estudos de caso...ai (sic) trago estudos de caso da Odebrech (para o pessoal de edificações), para o pessoal de eletrônica tem o estudo de caso da Sanctum”...

Sobre a ementa da disciplina, eles acreditam ser adequada, pois permite verificar os elementos teóricos, conceituais, e alguma prática, por meio da discussão e execução do plano de negócio. Conforme E3, “ela deveria detalhar, contudo, mais a parte prática do plano de negócios. Não se deixa claro o que trabalhar exatamente”.

A disciplina, conforme E4, voltada para o empreendedorismo é recente. “Não existia essa disciplina há oito ou nove anos. Ensinávamos a disciplina de Organização e Métodos, Introdução à administração. Mas não empreendedorismo”. Quando perguntado o que fez com que a instituição inserisse disciplinas na sua grade, ele falou que não participou do processo e não pode inferir causas.

Essa constatação ocorreu com os demais professores que não souberam afirmar como a disciplina foi inserida na grade. Então surge a pergunta: Como os professores que possuem a “responsabilidade de ensinar empreendedorismo” não são inseridos no processo decisório de estruturação de uma disciplina? Afirma-se que eles possuem responsabilidade de maneira retórica pois as pesquisadoras desta pesquisa defendem que a responsabilidade deve ser compartilhada e incorporada a todos, mesmo esses assumindo papel fundamental no processo. E6, reforçando este pensamento, afirma que: “não acredito em empreendedorismo como disciplina. Não se ensina empreendedorismo, pode-se trabalhar para estimular o interesse e o envolvimento dos alunos”.

As ações desenvolvidas pelos docentes estão restritas, no nível estudado, na sala de aula por meio de aulas teóricas, discussão de estudos de caso e orientação dos alunos para a elaboração de planos de negócios. Quando perguntados sobre as atividades extraclasse, apenas E5 afirmou levar os alunos para uma feira promovida anualmente pelo SEBRAE (Feira do Empreendedor) onde os alunos podem fazer minicursos, assistir palestras, ser atendidos por consultores, conversar com empreendedores, etc. Conforme a professora, essa experiência é rica e desperta o interesse dos alunos.

Apesar da importância da feira, contudo, deve-se ressaltar que como ela ocorre anualmente, existem turmas ao longo de sua formação que não serão contempladas com a visita. E, já adiantando algumas considerações, existem incubadores e parques tecnológicos perto do *campus* que poderiam servir para estreitar o relacionamento com as empresas e dar subsídios para a discussão do potencial empreendedor.

Os professores não recordaram ter participado de eventos institucionais de empreendedorismo. Na verdade, dois professores (E2 e E5) recordam a existência de um evento: Ciclo de Palestras promovido pelo SEBRAE, contudo, isso ocorreu antes da criação dos Institutos Federais, em 2008.

“Houve um ciclo de palestras promovido pelo SEBRAE, mas faz muito tempo. Foi um convite da direção geral, neste tempo não era nem uma reitoria, nem um instituto. O Sebrae trouxe seus palestrantes e envolveram todo o *campus*. Nós entramos com a estrutura e o público”. (E5)

Sobre dificuldades em disseminar o empreendedorismo no *campus*, destaca-se um relato bastante interessante de E1 no qual ele afirma que para o aluno especialmente do nível integrado, o foco é inserir-se em empregos formalmente estabelecidos e que, para muitos, o empreendedorismo, não é efetivamente uma opção de carreira. E2, na busca por despertar o interesse dos alunos, desenvolve ações de reflexão sobre a carreira, conforme pode ser visto no relato a seguir:

“Há uma preocupação muito grande sobre “em que eu vou trabalhar”, “será que vai haver espaço para que eu trabalhe”... Muitas vezes eu faço o questionamento a eles: Ao invés de vocês pensarem isso, que tal começar a pensar em que vocês podem criar? Em que posso gerar oportunidades não apenas para mim, mas para outras pessoas? (E2)

Sobre a ideia defendida neste artigo (necessidade de integrar diferentes áreas para disseminar o empreendedorismo no *campus*), o professor E2 foi objetivo ao relatar que há a necessidade de:

“Promover integração entre os professores de várias disciplinas, para discutir de forma transversal como o empreendedorismo pode ser trabalhado. Poderíamos também criar uma Empresa Júnior a exemplo de outras instituições.” (E2).

E4, ao ser perguntado sobre a percepção em relação ao apoio à disseminação da temática no *campus*, afirmou que não se tem apoio à disciplina. O discurso da importância da disciplina é forte, mas não são observadas ações. O foco da predominante ainda é levar à empregabilidade, ao emprego formal, não à geração de negócios. Como sugestão de melhoria, E3 referiu-se a um projeto integrador no qual os professores do curso, e não apenas da área de administração, estariam envolvidos em projetos únicos, como uma feira empreendedora no qual os alunos fossem estimulados a desenvolver projetos e vendê-los para o público. Conforme E3 isso seria interessante pois “o professor estaria envolvido diretamente. Todos e não apenas alguns”.

Foram observadas técnicas importantes para a disseminação e conscientização da importância do empreendedorismo desenvolvida pelos docentes da área de administração, como aulas expositivas (no qual são transferidos conhecimentos sobre o tema, as características do empreendedor, os processos de criação e os aspectos legais de pequenos negócios), estudos de caso (nos quais é estimulada a habilidade do pensamento crítico e avaliação de cenários), planos de negócios (com o estímulo às habilidades de planejamento, marketing, finanças, recursos humanos, produção e de previsão de riscos).

Para finalizar, foi apresentado que existia um Núcleo de Apoio ao Empreendedorismo de Base Tecnológica desde 2013. Este, contudo, foi extinto um ano e meio depois ao não ter tido ações efetivas para o desenvolvimento do empreendedorismo. A proposta era muito pertinente (compreender a educação empreendedora e sua gestão pedagógica) para a instituição, contudo, não houve desenvolvimento da proposta. Não foram identificadas as atas de nenhuma reunião e conforme exposto por E5, “não houve nenhuma reunião”. Sugere-se, por fim, que a gestão do *campus* investigue os motivos que levaram a não-ação do referido núcleo, buscando identificar as limitações existentes e superar as dificuldades tanto dessa ação como de outras que por ventura possam surgir.

### **Contribuições para o incremento de ações voltadas à educação empreendedora**

Foram solicitadas sugestões de melhorias tanto para os alunos quanto para os docentes. Iniciativas mais operacionais foram bastante citadas como aumentar oportunidades de contato entre os discentes e empreendedores de sucesso e criação de feiras internas para apresentação de planos de negócios. Além dessas práticas, as autoras desses artigos propõem:

#### **(1) Planejamento conjunto do semestre e adoção de projeto integrador de disciplinas**

A concepção tradicional atribui ao professor da disciplina estimular o empreendedorismo no *campus*. Conforme visto em Lopes (2010) mais importante do que o conteúdo das disciplinas são as possibilidades de experiência ofertadas aos alunos voltadas ao próprio desenvolvimento. Deve-se estimular o pensamento

inovador nas instituições de ensino e para isso, mais do que tratar os conteúdos em disciplinas isoladas, é preciso criar uma cultura voltada à aprendizagem e a inovação com novas formas de pensar e de experimentar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio orientam para o desenvolvimento de um currículo que contemple a interdisciplinaridade para evitar a oferta “de um ensino descontextualizado, compartimentalizado e baseado no acúmulo de informações” (BRASIL, 2000). Deve-se, portanto, criar alternativas para evitar a compartimentalização e incentivar o raciocínio e o aprendizado. Decerto que, a orientação básica da oferta de cursos no referido Instituto Federal é a de que as disciplinas se relacionem entre si, especialmente as do mesmo período, contudo, isso dificilmente ocorre e os alunos são submetidos a práticas pedagógicas isoladas.

Para minimizar a lacuna acima e aproximar os docentes na discussão do tema, sugere-se uma prática já utilizada em outras instituições de ensino que é a do projeto integrador. As disciplinas são concebidas e ofertadas de forma interdisciplinaridade não apenas no discurso. A proposta do projeto denominado integrador é ajustar conhecimentos das disciplinas por meio de atividades realizadas em conjunto, promovendo o desenvolvimento de habilidades necessárias ao mercado de trabalho e a formação crítica do profissional. Ao longo do semestre, cada disciplina contribui com as competências requeridas para a realização de um trabalho conjunto.

Parte da segunda nota seria atribuída ao trabalho o qual seria apresentado e avaliado pelos professores do semestre nos quais caberia a intervenção conjunta. Essas disciplinas seriam planejadas e executadas em conjunto, mas para estimular a interdisciplinaridade, conforme Bonatto *et al* (2012), deve-se ter sensibilidade para o contexto e dedicação uma vez que sua prática e sistematização demandam trabalho e tempo de um ou vários professores. Muitas vezes, por falta de tempo, interesse ou capacitação, o exercício docente ignora a intervenção de outras disciplinas na realidade construída com os alunos.

### (2) Intensificar as atividades extraclasse

Pela organização acadêmica do Instituto em questão, as atividades extraclasse são aquelas que tenham a participação conjunta do professor e do estudante e devem ser executadas, de preferência, de maneira interdisciplinar. Conforme foi exposto, os professores devem ser estimulados a visitar incubadoras e parques tecnológicos, locais ricos de informações sobre inovação e empreendedorismo. Nos arredores da instituição, por exemplo, existem incubadoras importantes funcionando há mais de vinte anos, voltada para empreendimentos de base tecnológica, bem como para empreendimentos populares.

Essas são instituições próximas, tidas como ambientes de aprendizagem do empreendedorismo, e relevantes ao crescimento do empreendedorismo no Estado. Conforme Fiala e Andreassi (2013, p. 1), é preciso buscar novas metodologias e ferramentas de ensino do empreendedorismo que proporcionem um aprendizado mais efetivo e prático e as incubadoras e parques ainda são poucos explorados para esse fim. Ainda conforme os autores, a incubadora como recurso didático pode ser explorada como local de visitas dos alunos, por meio de palestras com empreendedores ou como forma de aprendizagem direta (estágio).

### **Considerações finais**

Retoma-se nesse momento para a pergunta norteadora dessa pesquisa: **De que forma um *campus* de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Nordeste contribui para a realização e o estímulo do empreendedorismo nos cursos técnicos, em atendimento ao exposto na Lei no. 11.892, de 29.12.2008?** Observou-se que existe uma oportunidade latente de melhoria do estímulo ao empreendedorismo. Os planos de curso precisam ser mais específicos nas ações voltadas ao empreendedorismo, bem como um esforço conjunto dos docentes e discentes no desenvolvimento dessas práticas.

Reforça-se a necessidade de intensificar as ações, conjuntas, de estímulo ao empreendedorismo. Conforme exposto, o papel do professor deve ser repensado neste contexto da educação empreendedora, pois ele

deve se voltar para o desenvolvimento da capacidade de autoaprendizagem dos alunos. O ensino do empreendedorismo não é pela transferência de conhecimentos, mas sim, pela indução à prática, pela criação de condições de identificação e aproveitamento de oportunidades pelos próprios alunos.

Elaborar uma estratégia global de estímulo ao empreendedorismo envolve o desenvolvimento de práticas como: conhecer as ações de excelência desenvolvidas por outras entidades da rede de educação técnica e tecnológica; identificar as limitações da unidade de ensino ligados ao tema; definir objetivos e determinar as prioridades; implementar mecanismos de coordenação de esforços; mensurar os resultados das ações desenvolvidas.

Os regulamentos criados podem normatizar ações de estímulo à criação, ao desenvolvimento e à incubação de empresas no próprio ambiente escolar. Para isso, é importante dotar os professores de condições técnicas e operacionais para a orientação de alunos e acompanhamento de projetos. Algumas ações foram identificadas quanto à educação ao empreendedorismo como a inclusão da disciplina de empreendedorismo em todos os cursos de nível técnicos, integrados e PROEJA e feiras isoladas de sensibilização ao tema. Entretanto, sugere-se o aumento de ações de conscientização e a valorização dos comportamentos empreendedores desde os primeiros semestres do curso. Os professores do curso, e não apenas os da área de administração, deveriam ao longo dos semestres estimular, sistematicamente, a criatividade, o espírito de iniciativa e o desenvolvimento da autonomia dos estudantes.

A responsabilidade não deve recair apenas aos professores da área de gestão em apenas algumas semanas durante o curso, mas todo o corpo docente estaria voltado ao estímulo de atitudes voltadas à inovação e ao desenvolvimento de competências empreendedoras. É essencial o desenvolvimento, em conjunto, de métodos de experimentação e de aprendizagem prática por meio de consultorias ou incubadoras.

Destaca-se que o desenvolvimento de projetos demanda recursos (materiais, humanos, tecnológicos, financeiros, etc.) cujo acesso insuficiente pode constituir em obstáculos à eficácia das ações. A instituição deve, ela própria ou em parcerias, prover recursos e disseminar informações de acesso aos serviços de apoio ao empreendedorismo.

O *Campus* poderia, também, promover ações de sensibilização da comunidade acadêmica como campanhas de informação do empreendedorismo, criar canais de comunicação para divulgar informações relativas ao tema, valorizar publicamente ações empreendedoras de alunos e funcionários, organizar eventos profissionais sobre as possibilidades de criação de empresas. O Instituto poderia também fomentar a discussão de metodologias de ensino que estejam relacionadas às perspectivas empreendedoras e voltadas ao desenvolvimento do espírito empreendedor. Para isto, as pesquisadoras sugerem a realização de fóruns de empreendedorismo de forma a integrar os docentes na instituição como um todo.

Conforme exposto, os educadores têm papel fundamental no trabalho de formar gerações mais empreendedoras. Para isso, precisam ser capacitados em metodologias capazes de desenvolverem esse perfil, estes seriam, então, "semeadores" da cultura empreendedora. Defende-se, contudo, com base no que foi discutido no referencial teórico, que a disseminação do tema no *campus* seja vista muito mais do que a transmissão de conhecimentos e sim como um processo de mudança de atitudes e comportamentos voltados à inovação e a criação de produtos e serviços diferenciados e a assumir responsabilidade e riscos calculados.

## Referências

ARAÚJO, M. H. *et al* . O estímulo ao empreendedorismo nos cursos de química: formando químicos empreendedores. **Química Nova**, São Paulo, vol. 28, suplemento, p. s18-s25, Nov/dez. 2005.

ATRASAS, A. L.; GOMES, G. C.; ELOI, M. A. S.A.; CHOIRY, R. de. F. **Incubação de empresas** – modelo Embrapa. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2003.

BARBIERI, José Carlos. **Parques e incubadoras de empresas de base tecnológica: a experiência brasileira**. Relatório de pesquisa n ° 4. EAESP/FGV/NPP - Núcleo de pesquisas e publicações. São Paulo: 1995.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 17-36.

BONATTO, A. et, al. Interdisciplinaridade no Ambiente Escolar. IN: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9..., 2012. Caxias do Sul. **Anais...Caxias do Sul: ANPED**, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em 20 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. Casa Civil. **Lei nº 11.892**, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências.

Confederação Nacional de Empresas Juniores. **Conceito Nacional de Empresa Júnior**. 2012. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCoQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.braziljunior.org.br%2Farquivos%2Fdownload%2F2&ei=VnFiU4T7EYft2wXKhoD4Dg&usg=AFQjCNHOYCPLEIK33bjxEITQqavN9az3Q&bvm=bv.65788261,d.b2l>>. Acesso em 01 maio 2014.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo para visionários: desenvolvendo negócios inovadores para um mundo em transformação**. Rio de Janeiro: GEN/LTC/Empreende, 2014.

\_\_\_\_\_. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): prática e princípios**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

FIALA, Nathalia; ANDREASSI, Tales. **As incubadoras como ambientes de aprendizagem do empreendedorismo**. Administração: ensino e pesquisa. Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 759-783. Out/Dez, 2013.

LAVIERI, Carlos Educação...empreendedora? In: LOPES, Rose Mary Almeida. Educação empreendedora. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. p. 1-16. LOPES, Rose Mary Almeida. Referenciais para a educação empreendedora. In: \_\_\_\_\_. **Educação empreendedora**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. P. 17-44.

LOPES, Rose Mary Almeida. Referenciais para a educação empreendedora. In: \_\_\_\_\_. **Educação empreendedora**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. P. 17-44.

ONU - NATIONS UNIES. **Le cadre directeur pour l'entreprenariat de la CNUCED et sa mise en oeuvre**. Note du secrétariat de la CNUCED. Conférence des Nations Unies sur le commerce et le développement. 18 février 2013. Disponível em: <[http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CDAQFjAA&url=http%3A%2F%2Functad.org%2Fmeetings%2Ffr%2FSessionalDocuments%2Fciid20\\_fr.pdf&ei=9inVUoGiOsadkQfay4CADw&usg=AFQjCNHYtqw8MHwo5PtgeaDuoAi27ngvBw&bvm=bv.59378465,d.eW0](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CDAQFjAA&url=http%3A%2F%2Functad.org%2Fmeetings%2Ffr%2FSessionalDocuments%2Fciid20_fr.pdf&ei=9inVUoGiOsadkQfay4CADw&usg=AFQjCNHYtqw8MHwo5PtgeaDuoAi27ngvBw&bvm=bv.59378465,d.eW0)>. Acesso em 13 jan. 2014.

PAIVA JÚNIOR, Fernando Gomes de; ALMEIDA, Larissa Fernanda de Lima; OLIVEIRA, Marcos Farias de. **Perspectivas para a formação orientada para o empreendedorismo: uma experiência dialógica de ensino no curso de graduação em administração**. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 1., 2007. Recife. Anais... Recife: EnEPQ, 2007. CD-ROM.

PESQUEUX, Yvon. **Entrepreneur, entrepreneuriat (et entreprise): de quoi s'agit-il ?**. 22 fév. 2011. Disponível em: <<http://hal.archivesouvertes.fr/docs/00/56/78/20/PDF/Entrepreneurship.pdf>>. Acesso em 16 jan. 2014.

ROCHA, Estevão Lima de Carvalho; FREITAS, Ana Augusta Ferreira. Avaliação do Ensino de Empreendedorismo Entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, art. 5, pp. 465-486, Jul./Ago. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v18n4/1415-6555-rac-18-04-00465.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2015.

SELA, Vilma Meurer; SELA, Francis Ernesto Ramos; FRANZINI, Daniela Quaglia. Ensino do empreendedorismo na educação básica, voltado ao desenvolvimento econômico e social sustentável: um estudo sobre a metodologia "Pedagogia Empreendedora" de Fernando Dolabela. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 30., 2006. Salvador. **Anais...** Bahia: ENANPAD, 2006. CD-ROM.

TOUNÉS, Azzedine. **Un cadre d'analyse de l'enseignement de l'entrepreneuriat em France**. N. 03-69. Disponível em: <<http://archives.auf.org/53/1/03-69.pdf>>. Acesso em 17 maio 2014.

WILLERDING, Inara Antunes Vieira. Empreendedorismo em organização pública intensiva em conhecimento: um estudo de caso. **Dissertação (Mestrado)**. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em engenharia e gestão do conhecimento. Florianópolis, Sc, 2011. Disponível em: <<http://btd.egc.ufsc.br/wpcontent/uploads/2011/05/Inara-Antunes-Vieira-Willerding.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.